

ARTIGO

**A POLARIZAÇÃO DISCURSIVA ENTRE A IMPRENSA E O PRESIDENTE
BOLSONARO**

The discursive polarization between the press and president Bolsonaro

La polarización discursiva entre la prensa y el presidente Bolsonaro

Micheline Mattedi Tomazi ¹
(Ufes)

Georges Bitti Chilela²
(Ufes)

Recebido em: março de 2022
Aceito em: setembro de 2022
DOI: 10.26512/les.v23i2.42676

¹ É Pós-doutora em Linguística (UFP- Espanha e UFMG- Brasil); Doutora em Estudos linguísticos (UFF); Mestre em Letras (PUC-MG) e professora do programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: michelinetomazi@gmail.com

² É mestrando em Estudos Linguísticos (Ufes); Especialista em Estudos Avançados de Comunicação (Cândido Mendes); Graduado em Comunicação Social/Jornalismo (Faesa) e em Língua Portuguesa e Literatura Portuguesa (Ufes). E-mail: georgebitti@hotmail.com.

RESUMO

O objetivo deste artigo é mostrar como a imprensa se representa e apresenta o presidente Bolsonaro em textos jornalísticos, a partir do tensionamento entre essas elites simbólicas em contexto institucional. A partir dos enunciados agressivos proferidos pelo presidente Bolsonaro contra a mídia, estudamos como a imprensa noticia o fato, sendo ela a “motivadora” do enunciado do presidente. Como resultado, verificamos na polarização uma autodefesa e uma superproteção de sua face. Portanto, como produtora em última instância do texto jornalístico, a mídia tem como “controlar” todas as faces, tanto as dela, quanto as de qualquer outro envolvido.

Palavras-chave: *Análise Crítica do Discurso. Face. Polidez. Impolidez. Mídia. Polarização*

ABSTRACT

The objective of this article is to show how the press represents itself and presents President Bolsonaro in journalistic texts, based on the tension between these symbolic elites in an institutional context. Based on the aggressive statements made by President Bolsonaro against the media, we study how the press reports the fact, being it the “motivator” of the president’s statement. As a result, we see in polarization a self-defense and an overprotection of its face. Therefore, as the ultimate producer of the journalistic text, the media has the ability to “control” all faces, both its own and those of anyone else involved.

Keywords: *Critical Discourse Analysis. Face. Politeness. impoliteness. Media. Polarization*

RESUMEN

El objetivo de este artículo es mostrar cómo la prensa se representa y presenta al presidente Bolsonaro en los textos periodísticos, a partir de la tensión entre estas élites simbólicas en un contexto institucional. A partir de las declaraciones agresivas del presidente Bolsonaro contra los medios de comunicación, estudiamos cómo la prensa relata el hecho, siendo ésta la “motivadora” de la declaración del presidente. En consecuencia, vemos en la polarización una autodefensa y una sobreprotección de su cara. Por tanto, como productor último del texto periodístico, el medio tiene la capacidad de “controlar” todos las caras, tanto los propios como los de los demás implicados.

Palabras clave: *Análisis Crítico del Discurso. Cara. Cortesía. Descortesía. Medios de comunicación. Polarización*

INTRODUÇÃO

A relação entre a mídia e o governo desde a posse do atual presidente, Jair Bolsonaro, tem sido conflitante. Antes mesmo de ser eleito, o presidente já estava em constante exercício de desacreditação da mídia. Fato que pode ser justificado, por exemplo, na ausência de Bolsonaro nos debates de segundo turno nas eleições de 2018, quando mesmo liberado pela equipe médica – o então candidato se recuperava de uma cirurgia após receber uma facada durante a campanha, em setembro do mesmo ano – Bolsonaro não compareceu a nenhum debate de segundo turno³.

A imprensa e o jornalismo, “agentes históricos essenciais para modelar a opinião política e delinear os contornos da vontade política” (MORAES, 2016, p. 63) já não são mais legitimados nesse contexto pelo poder político em questão. A ação do então futuro presidente do Brasil já indicava uma relação espinhosa com a imprensa.

³ Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/eleicoes/2018/noticia/2018/10/18/jair-bolsonaro-afirma-que-nao-vai-a-debates-no-segundo-turno.ghtml> Acesso em 20 set. 2021.

Mas, em tempos atuais, como definir o papel da mídia para a sociedade? Seria possível argumentar que “a mídia deve existir porque os cidadãos têm o direito à informação”? (BUCCI, 2000, p.33). A declaração universal dos direitos do homem de 1948 estabelece, em seu artigo 19, o direito à liberdade de opinião e expressão, incluindo a liberdade de “procurar, receber, e transmitir informações e ideias por quaisquer meios e independentemente de fronteiras.” O direito à informação também é garantido pela Constituição Brasileira em seu artigo 5º. Portanto, “o jornalismo define-se apenas por uma ética, uma ética baseada no combate à mentira ou, noutra perspectiva, na busca da verdade dos fatos (...) a verdade dos fatos é sempre uma versão dos fatos” (BUCCI, 2000, p. 51).

A partir dessa definição, podemos atribuir à imprensa, entre outras obrigações, um papel social de “fiscalizador” das ações do governo e, por consequência, da divulgação do que foi apurado. No entanto, o que assistimos hoje é uma disputa entre duas instâncias institucionais importantes no cenário brasileiro em que duas ou mais vozes entram em conflito direto na arena discursiva. A mídia apura os acontecimentos, informa sua versão e sofre duras críticas de qualquer “versão dos fatos” que não esteja convergente com as opiniões do que chamamos hoje, no Brasil, de Bolsonarismo⁴. O conflito a que nos referimos se instaura na e pela linguagem em suas práticas sociais. Entendemos que tanto o presidente, representante máximo do Estado democrático, quanto a mídia, podem ser definidos como elites simbólicas por controlarem o discurso público. Ou seja, na esteira de van Dijk (2018, p. 139), “são o(s) grupo(s) da sociedade que mais têm “algo a dizer” e que, portanto, também têm acesso preferencial às mentes do grande público”.

Sendo assim, a partir dessa dualidade dentro do texto notícia, o objetivo é demonstrar como se processa essa (des)construção de faces e quais estratégias discursivas são usadas por essas instâncias enunciativas, o presidente Bolsonaro e a imprensa, no caso, o portal Folha de São Paulo (PFSP), e de que forma o PFSP finaliza seu discurso a partir do seu lugar de último enunciador. Sem pretensão de fazer uma análise exaustiva, apresentaremos os conceitos de face e polidez em diálogo com uma abordagem sociocognitiva do discurso, a partir de duas reportagens de notícias da editoria Poder do PFSP com base em uma metodologia qualitativa de análise. Importante salientar que a análise proposta por este artigo será feita assentada nas estruturas textuais, mesmo que permeada por contextos cognitivos, sociais, culturais ou históricos, que não podem ser desconsiderados.

⁴ “Bolsonarismo pode ser definido como um fenômeno político que transcende a própria figura de Jair Bolsonaro, e que se caracteriza por uma visão de mundo ultraconservadora, que prega o retorno aos ‘valores tradicionais’ e assume uma retórica nacionalista e ‘patriótica’, sendo profundamente crítica a tudo aquilo que esteja minimamente identificado com a esquerda e o progressismo. Tal visão ganhou bastante força nesta última década em várias partes do mundo, se alimentando da crise da representação e da descrença generalizada na política e nos partidos tradicionais. No Brasil, ela iria encontrar a sua personificação no ex-capitão e em seu estilo de fazer política, calcado na lógica do ‘contra tudo que está aí’, apesar de ele mesmo ser parte do *establishment* político desde 1988, quando disputou e venceu sua primeira eleição” (FREIXO; PINHEIRO-MACHADO, 2019, p. 19).

1. (IM)POLIDEZ E (DES)CONSTRUÇÃO DE FACES: DA PRAGMÁTICA À ABORDAGEM SOCIOCOGNITIVA DOS ESTUDOS CRÍTICOS DO DISCURSO

Goffman (2011[1967]) afirma que cada indivíduo tem uma face, um valor positivo que cada sujeito requisita para si enquanto na interação face-a-face. A partir disso as noções de cortesia, deferência, discrição e desculpas ganham importância, sendo condições indispensáveis para as relações sociais entre os interlocutores. Na proposta do sociólogo:

O termo fachada pode ser definido como valor social positivo que uma pessoa definitivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela mesma assumiu durante o contato particular. A fachada é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados - mesmo que essa imagem possa ser compartilhada, como ocorre quando uma pessoa faz uma boa demonstração de sua profissão ou religião ao fazer uma boa demonstração de si mesma (GOFFMAN, 2011[1967], p. 13-14).

As faces executam uma função social, por isso os interlocutores estão presos a regras morais de uma determinada sociedade. E o objetivo final dessa relação é uma construção social entre eles.

Goffman (2011[1967]) ainda define face como um construto social, isto é, como uma imagem do “eu” delineada em termos de atributos sociais aprovados, por isso, ela é um empréstimo da sociedade e será retirada se a pessoa não se comportar de maneira digna ao usá-la. Assim, quanto mais prestígio e poder uma pessoa tiver mais provável que os membros do grupo social demonstrem afeição para com os sentimentos dela. Por outro lado, para Goffman, agir de forma agressiva na interação também é uma estratégia de “proteção de face”, uma vez que

Em intercâmbios agressivos, o vencedor não apenas consegue apresentar informações favoráveis sobre si mesmo e desfavoráveis sobre os outros, mas também demonstra que, enquanto participante da interação, ele cuida de si melhor do que seus adversários. Muitas vezes, provas dessa capacidade são mais importantes do que todas as outras informações que a pessoa comunica durante o intercâmbio, de forma que a introdução de um “tiro” na interação tende a implicar que seu causador tem um jogo de pernas melhor do que aqueles que são afligidos por seus comentários (GOFFMAN, 2011[1967], p. 31-32).

Nem sempre em uma interação a ordem ritual como concebida por Goffman é mantida pelos participantes, o que gera tensão e acaba por colocar em risco o equilíbrio da troca. Formalmente, durante a interação os sujeitos necessitam conhecer ou se adequar ao padrão internalizado a respeito de determinada situação de comunicação (LIMA, 2018).

Dessa forma, Goffman (2011[1967] *apud* LIMA, 2018) afirma que essa interação é realizada dentro de um *enquadre* “que representa a atividade que está sendo encenada, no sentido conferido aos falantes ao que dizem, por isso, para compreender qualquer elocução um ouvinte (e um falante)

deve saber dentro de qual enquadre ela foi composta” (LIMA, 2018, p. 98). Na proposta deste artigo, a noção de enquadre é por nós entendida a partir das interações entre os jornalistas e o presidente. Essas interações são feitas geralmente por meio de entrevistas coletivas, entrevistas individuais (formais), ou entrevistas informais, em que o presidente está em qualquer espaço e será interpelado pelo jornalista, sem a necessidade de agendar previamente o encontro. Nesse sentido, tanto o jornalista quanto o presidente são participantes, atores sociais de um enquadre interacional no ato de encenação e preservação de suas fachadas, condição primeira de toda interação, como vimos anteriormente, ou seja, a preservação da face de todo o participante. Por isso, após definido o enquadre em que a relação será produzida chegamos à forma como cada participante se comporta dentro daquele enquadre.

Brown e Levinson (1987) voltam à noção de face, mas introduzem as estratégias de polidez verbal. Partindo da autoimagem de Goffman (2011[1967]), eles diferenciaram dois aspectos que favorecem a imagem do “eu” construída socialmente: a face positiva correspondente à fachada social, a imagem que tentamos passar aos outros; e a face negativa que se refere à reserva do território pessoal (nossa intimidade) e ao desejo da não imposição:

- (a) face negativa: a reivindicação básica de territórios, de preservação pessoal, de direitos a não-distração – liberdade de ação e liberdade de imposição.
- (b) face positiva: a autoimagem consistente e positiva ou “personalidade” (crucialmente incluindo o desejo de que essa autoimagem seja apreciada e aprovada) reivindicada pelos interactantes (BROWN; LEVINSON, 1987, p. 61).

Dessa forma, há os atos que ameaçam a face positiva do falante: auto-humilhação, reconhecimento de sua incompetência e limitações etc.; atos que ameaçam a face negativa do falante: comprometer-se a realizar determinados trabalhos, julgamentos etc.; atos que ameaçam a face positiva do ouvinte: críticas, desaprovação etc.; e atos que ameaçam a face negativa do ouvinte: perguntas diretas, desconsideração, ordens etc.

Assim, a teoria de polidez mostra como as pessoas usam estratégias para preservarem a sua face e com quem interagem. A polidez positiva acontece quando o ato de fala permite entender que há desejos comuns entre os interlocutores, incluindo o interesse e necessidades do outro: ter simpatia, demonstrar otimismo e interesse, utilizar marcas de identidade do outro, procurar acordo, ser recíproco. Na polidez negativa evitamos imposições ao ouvinte, deixando-o livre do comprometimento, minimizando a imposição dos atos de ameaça à face ao seu território sendo indireto, mostrando respeito, evitando polarizações e se desculpando. Há também a polidez indireta (*off record*) que representa um ato comunicativo indireto em que o locutor não finaliza seu enunciado

numa interpretação. Ele utiliza pressuposições, redundâncias, contradições, questionamentos, é irônico, usa metáforas, faz perguntas retóricas, é ambíguo etc.

Baseados em Brown e Levinson (1987), Cunha e Oliveira (2020) detalham as estratégias utilizadas para mitigar o ato de ameaça à face (FTA) que incluímos no quadro a seguir:

Estratégia 1 – sem ação reparadora: o falante faz o FTA da forma mais direta, concisa e clara possível. Exemplo: Abra a janela! Num tal enunciado, é clara para o ouvinte a intenção comunicativa do falante (on record).
Estratégia 2 – polidez positiva: o ato ameaçador da face positiva é realizado (on record), mas com estratégias que diminuem a ameaça, como numa interação em que o pai dissesse ao filho: a gente tem que pensar antes de agir. Nesse caso, o falante evidencia respeito pelo ouvinte, revelando que o relacionamento é amigável ou, pelo menos, cordial.
Estratégia 3 – polidez negativa: o ato ameaçador da face negativa é realizado (on record), mas com estratégias que diminuem a ameaça, como em: Por favor, será que você poderia abrir a janela? Por meio desse enunciado, o falante evidencia não querer invadir o território do ouvinte ou interferir em sua liberdade de ação
Estratégia 4 – off record: não é clara para o ouvinte a intenção comunicativa do falante. Realizações linguísticas da estratégia off record são atos de fala indiretos não-convencionais (está fazendo corrente de ar), metáfora, ironia, Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema insinuações vagas, etc.
Estratégia 5 – não fazer o FTA: se, ao se falar dessa estratégia o falante evita qualquer tipo de ofensa contra o ouvinte, por outro a comunicação simplesmente não ocorre

Fonte: Cunha e Oliveira, (2020, p. 140-141)

Culpeper (2016 *apud* Cunha e Oliveira, 2020) propõe uma complementação à abordagem da polidez de Brown e Levinson (1987) levando em consideração a impolidez. Dessa forma, para cada uma das cinco estratégias de polidez propostas por Brown e Levinson (1987), Culpeper (2016) propõe uma superestratégia de impolidez correspondente:

1) Bald on record impoliteness: o FTA é realizado de uma forma direta, clara, sem ambiguidade e concisa, em circunstâncias em que a preocupação com face não é irrelevante ou minimizada.
2) Impolidez positiva: o uso de estratégias que prejudicam os desejos de face positiva do destinatário.
3) Impolidez negativa: o uso de estratégias que prejudicam os desejos de face negativa do destinatário.
4) Impolidez off-record: o FTA é performado por meio de uma implicatura, mas de tal maneira que uma determinada intenção claramente tem maior peso do que qualquer outra.
5) Polidez withhold (retida, negada): não se usam estratégias de polidez em circunstâncias em que esse uso é esperado.
METAESTRATÉGIA DE IMPOLIDEZ Sarcasmo ou falsa (mock) polidez: o FTA é performado com o uso de estratégias de polidez claramente insinceras, que, por isso, se manifestam apenas na superfície do ato.

Fonte: Culpeper (2016, p. 425 apud Cunha e Oliveira, 2020, p. 149).

Culpeper (2016) apresenta um conjunto de estratégias de impolidez positiva, por exemplo: Ignore, menospreze o outro – deixe de perceber a presença do outro; exclua o outro de uma atividade; seja desinteressado e antipático e não se preocupe com o outro; use linguagem obscura ou sigilosa; busque discordância – selecione um tópico sensível ou delicado. E entre as estratégias de impolidez negativa estão: assuste - faça o outro acreditar que uma ação prejudicial para ele ocorrerá; despreze ou ridicularize, não trate o outro seriamente, diminua o outro, use diminutivos; invada o espaço do outro - literalmente (posicione-se mais perto do outro do que a relação permite) ou metaforicamente (faça perguntas ou aborde informação que é muito íntima de ser abordada com o outro).

No tocante à impolidez, é muito importante a afirmação de Terkourafi (2008, apud Cunha e Oliveira, 2020) e que também remonta, a nosso ver, à definição de Goffman (2011[1967]), sobre o uso dos intercâmbios agressivos. Para a autora, a construção do locutor a partir de uma manifestação verbal intencional de violência é usada para projetar um falante como exímio, conforme ocorre nas batalhas verbais e nos rituais de insulto.

De acordo com Tomazi e Natale (2018), na abordagem de van Dijk (2018), o gerenciamento de faces é feito por meio de uma estratégia geral envolvida na reprodução discursiva de dominação chamada polarização discursiva. Essa estratégia é entendida pelo autor como base das ideologias, pois é por meio dela que será possível identificar as ideologias dos grupos sociais em conflito. A polarização atua no sentido de dar ênfase às coisas boas em nós (autoapresentação positiva) e ruins nos outros (outroapresentação negativa). Para isso, van Dijk propõe um quadrado ideológico:

Enfatizar aspectos positivos sobre Nós
Enfatizar aspectos negativos sobre Eles
(Des) enfatizar aspectos negativos sobre Nós
(Des) enfatizar aspectos positivos sobre Eles

Fonte: Van Dijk (2003, p. 44).

No discurso, o reforço dos atributos negativos ou positivos é feito por meio do uso de diversas estruturas linguísticas e estratégias discursivas que, segundo van Dijk (2018), podem ser macroato de fala, indicando nossos “bons” atos e os “maus” atos dos outros; tópicos (macroestruturas semânticas); léxico, sintaxe; figuras retóricas; metonímias e metáforas. Levando-se em consideração a noção de que ao participar de um grupo, além de adquirir a ideologia desse grupo, os participantes também desenvolvem um esquema geral para a construção dessas ideologias (VAN DIJK, 2003). E esse esquema pretende responder a algumas questões gerais que orientam os participantes: Identidade (quem somos nós? Quem nos pertence? De onde viemos; Atividades (o que nós geralmente fazemos? Qual a nossa tarefa? Objetivos (o que nós queremos obter?) e Normas e valores (o que é bom/mal, permitido/proibido para nós?).

Portanto, podemos dizer que o papel da polarização discursiva está diretamente relacionado ao processo de negociação de faces:

Assim como Brown e Levinson (1987) sistematizaram a proposta de Goffman partindo de um ponto de vista pragmático e discursivo, conseguindo demonstrar que existem questões gramaticais que só podem ser explicadas se considerada a noção de face e de território - este último entendido como uma expansão da noção de face - também van Dijk, em sua abordagem sociocognitiva dos estudos críticos do discurso, propõe uma aproximação de seus estudos com a microssociologia de Goffman dentro de uma perspectiva discursiva, social e cognitiva (TOMAZI; NATALE, 2018, p. 138).

De acordo com van Dijk (1993) há no texto jornalístico um tópico discursivo, ou seja, o leitor pode resumir “sobre o que” determinado texto fala, chegando à conclusão em poucas palavras do que é dito em todo o texto. A essa capacidade de topicalizar uma série de informações contidas na notícia van Dijk denominou de “macroestruturas semânticas”. Esse conceito pertence a “estruturas globais do discurso” que estão ligadas à capacidade do leitor/ouvinte de falar sobre “fragmentos mais amplos do texto ou de textos inteiros”. Em outras palavras, “os tópicos que atribuímos a um texto ou resumo que dele fazemos podem ser subjetivos. Podemos inferir de um texto o que é relevante ou importante *para nós*” (VAN DIJK, 1992, p. 131, grifo do autor).

O autor deixa claro também que não há apenas um tópico ou sumário possível a um texto, mas vários. E descreve três fatores de sumarização de um texto: (i) parte dos tópicos que inferimos desse texto (ou atribuímos a ele) estão formulados no próprio texto; (ii) os tópicos são tipicamente obtidos “deixando de lado os detalhes do texto”. As definições (i) e (ii) de sumarização atuam como forma de apagamento, mas há também a capacidade de haver generalização. O terceiro item é determinado por van Dijk (1992) como (re)construção: (iii) pode ocorrer abstração também pela substituição de uma sequência de texto, que descreva, por exemplo, uma sequência de ações, por um conceito singular (proposição) que não necessita estar expresso no texto.

A esses três princípios dá-se o nome de “macrorregras”, ou seja, “elas reduzem a estrutura de sentido complexa, detalhada de um texto a um sentido (de nível mais alto) mais simples, mais geral e abstrato” (VAN DIJK, 1992, p. 132). Desembocando no conceito de “macroestrutura hierárquica” que consiste em vários níveis, cada um dos quais constituído de uma sequência de (macro) proposições que “sumarizam uma sequência de (macro)proposições de nível inferior” (id. *ibid.*). Portanto, uma manchete, por exemplo, é uma macroproposição e ela, sim, pode ser o tópico ou o tema do texto.

Os tópicos, portanto, podem ser subjetivos, ou seja, ao falarmos sobre eles não devemos dizer que determinado texto tem uma macroestrutura por ele mesmo, mas sim que essa estrutura é imposta por quem escreve. Logo, no que tange à construção do texto jornalístico, para van Dijk

(...) a manchete e a primeira sentença parecem realmente exprimir pelo menos parte da macroestrutura hipotética de um item noticioso. *As manchetes e o lead podem, assim, ser usados como sinais adequados para fazer previsões eficazes sobre a informação mais importante do texto* (VAN DIJK, 2005, p.133, grifo nosso).

Para analisar as estratégias discursivas no texto jornalístico é importante também levar em consideração a noção de contexto, definido aqui “como sendo a estrutura mentalmente representada das propriedades da situação social que são relevantes para a produção e compreensão do discurso” (VAN DIJK, 2005, p. 24). Importante ressaltar o caráter multidisciplinar de contexto para a noção sociocognitiva do mesmo, ou seja,

Não é a situação comunicativa que influencia o discurso (ou é influenciada por ele) mas a maneira como os participantes definem essa situação. Portanto, os contextos não são um tipo de condição objetiva ou de causa direta, mas antes construtos (inter)subjetivos concebidos passo a passo e atualizados na interação pelos participantes enquanto membros de grupos e comunidades (VAN DIJK, 2016, p. 11).

Há formas, tipos e estruturas de textos que levam à construção de uma direção de pensamento a respeito de, por exemplo, quais e como as macroproposições devem ser interpretadas, para isso há os modelos contextuais que

são as representações mentais que controlam muitas das características da produção do discurso e da sua compreensão, tais como o gênero, escolha de tópicos, significados locais e coerência, por um lado, mas também atos de fala, estilo e retórica, por outro. De fato, o estilo pode ser definido como o conjunto das propriedades formais do discurso condicionadas pelos modelos contextuais, entre elas, a lexicalização, a ordem das palavras e a entonação (VAN DIJK, 2005, p. 49).

Nessa direção, para o autor, uma das formas de controle do discurso e de como ele vai engendrar no “modelo mental” do indivíduo, ou seja, nas “representações mentais” das ‘experiências’ pessoais de práticas sociais” é a utilização dos “modelos de contextos preferenciais”. “A ADC estuda de que forma os traços do contexto (como são as propriedades dos falantes da linguagem de grupos poderosos) influenciam os modos como os membros dos grupos dominados definem a situação comunicativa” (VAN DIJK, 2005, p. 27).

Em outras palavras, determinadas proposições em títulos que topicalizam o conteúdo, indicam o modelo a ser pensado dentro da estrutura discursiva, daí o nome de “modelo mental preferencial”, sendo que o conceito de “modelo mental” está ligado à dimensão individual, e a

dimensão social está ligada aos “modelos de contextos preferenciais”, as ideologias, que no caso, forçosamente, a partir do contexto preferencial inserido na proposição devem servir de base para que o leitor pense o texto a partir de determinada proposição.

Segundo van Dijk (2005), a proposição pode ser definida como a estrutura do significado conceitual de uma frase. É a partir dela que o leitor/ouvinte vai criar ou modificar seus modelos mentais sobre o assunto abordado. A partir das construções proposicionais, o texto desenvolve uma semântica global que é “aquilo que todos nós intuitivamente conhecemos como temas ou tópicos. Os tópicos sumarizam conceitualmente o texto e especificam a sua informação mais importante” (VAN DIJK, 2005, p. 65), como visto anteriormente com os conceitos de lead e manchete. A partir do que é dado no texto, é importante ressaltar a noção de implicação. Para esse mesmo autor,

palavras, frases e outras expressões textuais podem implicar conceitos ou proposições que podem ser inferidas com base no conhecimento que a todos é comum. Esse traço do discurso e da comunicação tem importantes dimensões ideológicas. A análise do “não dito” é por vezes mais reveladora do que o estudo daquilo que é realmente expresso num texto (VAN DIJK, 2005, p. 66).

E por fim, os modelos de contextos. Os textos não têm significado em si, são os falantes da língua/produtores do discurso que atribuem significado a ele por meio dos processos mentais (VAN DIJK, 2005). Para cada instância de significado é criado um modelo mental. Esse, por sua vez, vai se atualizando, a partir de novos contatos sobre o mesmo tema. Assim, para interpretar um texto, o destinatário também acessa os modelos contextuais que

são as representações mentais que controlam muitas das características da produção do discurso e da sua compreensão, tais como gênero, escolha de tópicos, significados locais, e coerência, por um lado, mas também atos de fala, estilo e retórica, por outro (VAN DIJK, 2005, p. 49).

Ainda, segundo van Dijk (2005), os modelos contextuais são aquelas representações na memória episódica que atuam como controle global de um evento comunicativo. Em alguns casos, esses contextos são dados na própria proposição sendo assim chamados de modelos de contextos preferenciais, ou seja, “enquanto... estas condições de controle da mente são largamente contextuais (dizem algo sobre os participantes num evento comunicativo), *outras condições são discursivas, isto é, dependem das estruturas e estratégias do texto e fala em si mesmas*” (VAN DIJK, 2005, p. 26, grifo nosso). Assim, ao inserir frases de contexto, o produtor/locutor indica ao leitor/ouvinte como determinada estrutura discursiva deve ser pensada.

Após essas considerações iniciais que contextualizam este artigo, na próxima seção, apresentamos reflexões sobre a polarização, a (im)polidez e a (des)construção de faces a partir de um

olhar que procura dialogar com duas abordagens: a pragmática e a sociocognitiva dos estudos críticos do discurso. Na sequência, apresentamos uma proposta analítica das notícias, procurando demonstrar como são acionadas estratégias para a (des)construção de faces nas notícias. Na seção seguinte, apresentamos nossas considerações finais.

2. PROPOSTA DE ANÁLISE DA POLARIZAÇÃO E DA (DES)CONSTRUÇÃO DE FACES NAS NOTÍCIAS

Para este artigo, como já adiantamos, faremos uma análise qualitativa e interpretativa de duas notícias com o objetivo de demonstrar como ocorre o gerenciamento de estruturas linguísticas e de estratégias discursivas para a (des)construção de faces dos participantes da interação. Nesse sentido, reforçamos que as duas instâncias envolvidas na encenação jornalística por meio da notícia são elites simbólicas e, portanto, constroem discursos capazes de modificar, reforçar e moldar modelos mentais preferenciais sobre determinado tema. Para o desenvolvimento das análises optamos por apresentar o print da notícia como aparece na página do PFSP, indicando o link para a notícia no site e desconsideramos outros elementos da página, que são relevantes para uma análise textual-discursiva, como hiperlink, fotos, propagandas etc., mas que não farão parte da análise, uma vez que optamos apenas pelo texto da notícia, predominantemente a manchete e o lead.

Nessa (des)construção de faces, podemos dizer que o presidente naturaliza o discurso de que a mídia manipula, exagera, não diz “a verdade”. Portanto, a partir dessa construção de ataque à face da mídia, vamos verificar como ela se auto-representa nos textos de notícias e, por outro lado, como constrói a face do presidente. Para tanto, veremos esse processamento em duas reportagens da editoria Poder do PFSP. Importante salientar que segundo Drew & Heritage (1992 apud CAPELLANI, 2021, p. 465) a noção de interação verbal, no caso estudado, é considerada institucional porque nela ao menos um dos participantes está orientado para objetivos específicos, relacionados às suas identidades institucionais e profissionais referentes à instituição em questão (imprensa X presidente da República). Vejamos, a seguir, o primeiro texto a ser analisado:

Texto 01⁵

Abandono de entrevista e ataque à imprensa são rotina de Bolsonaro após pergunta incômoda

Neste domingo, presidente disse ter vontade de dar porrada em repórter após pergunta sobre depósitos de Fabrício Queiroz à primeira-dama

BRASÍLIA "A vontade é encher tua boca com uma porrada, tá?"

A frase usada por Jair Bolsonaro neste domingo (23) para responder a um repórter que lhe perguntou sobre depósitos feitos por Fabrício Queiroz à primeira-dama é o mais recente capítulo de uma prática adotada pelo presidente desde o início do mandato: encerrar de maneira abrupta declarações à imprensa, por vezes de forma agressiva, e evitar perguntas incômodas durante crises políticas.

O hábito foi mais frequente a partir do segundo semestre do ano passado, com a repercussão de crises e de escândalos no governo.

A notícia acima foi publicada no dia 24 de agosto de 2020 na seção Poder do PFSP. O fato que “motivou” a publicação foi a pergunta feita por um repórter ao presidente durante uma visita de Bolsonaro, num domingo, a ambulantes da Catedral de Brasília. Por algumas vezes, o repórter do jornal O Globo questionou o presidente sobre os motivos para o ex-assessor dele Fabrício Queiroz e sua esposa terem repassado R\$ 89 mil para a conta de Michelle Bolsonaro, esposa do presidente.

A manchete topicaliza três proposições (VAN DIJK, 2005) que quebram a face positiva do presidente. Ao dizer que ele “abandona a entrevista”; “ataca a imprensa” de forma rotineira e não responde a perguntas “incômodas”, o PFSP já desaprova e critica a ação do presidente da República. Vejamos que a construção da face do presidente é atacada a partir de um ato de fala: a pergunta, a qual gerou uma reação não esperada pelo lugar ocupado pelo chefe maior da nação. Duas ações do presidente são criticadas (abandono e ataque), atitudes que, por inferência, entendemos serem peculiares ao *modus operandi* do mandatário; podemos vislumbrar tal afirmação no texto por meio do uso, intencional, a nosso ver, do substantivo “rotina”. Acreditamos que essa escolha lexical do jornalista implica uma estratégia linguística para evidenciar a constância com que o presidente vilipendia a imprensa, categorizando ação repetitiva do mesmo.

Desse modo, a manchete trata o acontecimento como recorrente, ao construir o sentido de que nos encontros com a imprensa sempre haverá uma pergunta que irá incomodar o presidente, gerando assim a rotina de ataque e abandono. Nesse sentido, o substantivo “ataque” também pode nos remeter a uma metáfora estrutural (LAKOFF; JOHNSON, 1980) de “guerra”. O dicionário online Michaelis apresenta as seguintes definições para o substantivo “ataque”⁶: “Ação ou efeito de atacar; ato violento contra pessoa; acusação que se faz a alguém ou a uma instituição, a fim de

⁵ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/abandono-de-entrevista-e-ataque-a-imprensa-sao-rotina-de-bolsonaro-apos-pergunta-incomoda.shtml>. Acesso em: 2 out. 2021.

⁶ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=ataque>. Acesso em: 16 out. 2021.

promover danos morais; injúria, ofensa; crítica negativa que se faz a alguém ou a algo; censura, reprovação”. Por sua vez, o verbo atacar⁷ nos traz as seguintes definições: “investir com violência contra alguém; criticar severamente, hostilizar”.

Sendo assim, escolha lexical implica que o presidente tem um inimigo a destruir: a imprensa. Nessa esteira, também foi utilizada a metonímia “imprensa”, o todo, ou seja, a imprensa, se referindo à parte (o ataque ao jornalista do jornal O Globo). Essa estrutura linguística nos permite inferir uma demonstração de força, de união de um grupo, ou seja, a mídia em geral. Ao não assinalar exclusivamente o ataque ao determinado veículo de comunicação, como pontuado pelo ato de fala realizado pelo presidente ao se referir ao jornalista do jornal O Globo, o FPSP impõe não apenas um contrapoder, como ato de contrapor ao que está estabelecido, mas um superpoder, um “sobrepoder” que engloba no ataque proferido por Bolsonaro não apenas o jornalista do jornal O Globo, mas o conjunto de todos os jornalistas e veículos de comunicação que foram metonimicamente representados pela palavra “imprensa”.

O próprio enunciado que inicia o lead já traz uma sequência que dá à narrativa textual o ápice do ataque à face do presidente e traz o leitor ao que e como foi dito, ou seja, a fala em discurso direto de Bolsonaro: *“a vontade é encher a sua boca com uma porrada, tá?”*. A colocação do discurso direto da fala do presidente faz parte de uma estratégia linguística para impactar o leitor. Na sequência, as três primeiras linhas do lead contextualizam a manchete e em seguida a face positiva do presidente é golpeada *“é o mais recente capítulo de uma prática adotada pelo presidente desde o início do mandato, encerrar de forma abrupta declarações à imprensa, por vezes de forma agressiva e evitar perguntas incômodas durante crises políticas.”* Aqui temos o uso do substantivo “capítulo” que nos remete a uma construção de uma ação que não é nova e que se subdivide a cada acontecimento, ou seja, anterior a esse fato narrado na notícia, implica-se que outros casos de ataques contra a imprensa aconteceram. Fatos que estão longe de uma conclusão, ao nos referirmos a uma metáfora de “livro”, por exemplo.

Aliado a essa continuidade da ação presidencial está o uso substantivo “prática”, ou seja, Bolsonaro adota esses ataques de forma repetida desde que virou presidente. A utilização do adjetivo “abrupta” também aponta que o mandatário não finaliza o contato com os jornalistas de maneira formal, mas sim de forma rude, inesperada. Assim, o PFSP utiliza-se dessas estruturas linguísticas para desconstruir a face positiva de Bolsonaro.

Por outro lado, ao não responder aos questionamentos, o presidente também ataca a face positiva da imprensa abandonando o local e não dando outra opção aos jornalistas a não ser noticiar o

⁷ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?id=V7AY>. Acesso em: 16 out. 2021.

“mal-estar” gerado durante a interação. Tal atitude, que nos remete ao conceito de intercâmbios agressivos (GOFFMAN, 2011[1967]), é feita na tentativa de transmutar intencionalmente sua face negativa como positiva junto a seu grupo de apoio, ou seja, o presidente sabe para quem fala e por que. Aqui temos duas suposições para essa ação discursiva: a primeira é a imagem que o presidente constrói da sua base, do seu grupo e que como afirma Goffman (2011[1967]), esses membros (eleitores, políticos) irão aprová-los porque esperam dele tal ação.

A segunda é que o discurso do presidente no caso em um embate com a imprensa ou em xingamentos é feito para esse determinado grupo e por eles, como uma forma de agregar a base que já havia sido construída, por exemplo, o número de eleitores que votaram nele na eleição e por consequência a manutenção do índice de aprovação em pesquisas. A pesquisa Datafolha, divulgada em 21 de janeiro de 2021, mostra uma aprovação de 57% (ótimo ou regular) e 40% (ruim ou péssimo)⁸ ou seja, podemos supor que o presidente não faz a correção para restabelecer sua face porque ele entende que não cometeu um “erro” ou um ato grosseiro, sendo esses atos a maneira dele de agir, utilizando deliberadamente a língua para ofender (CULPEPER, 2016). Em outra visão, sua base de apoio também não desejaria que ele o fizesse. Agir com ataque ou agressão, no caso em estudo, é o valor social positivo da face do discurso presidencial para o grupo de sua base, ou seja, “o exercício do poder não se limita simplesmente a uma forma de ação, mas consiste em uma forma de interação social” (VAN DIJK, 2018, p. 43).

Essa interação é feita com e para a base bolsonarista. Ao compararmos os dados anteriores, à pesquisa “mais recente” do mesmo instituto divulgada em setembro de 2021, 46% dos brasileiros consideravam o governo bom, ótimo ou regular, já 53% o classificaram como ruim ou péssimo. É a pior marca desde o início do mandato em 2019⁹, mesmo assim, a base de aprovação continua acima do número registrado no pleito que o consagrou Presidente da República nas eleições de outubro de 2018, ou seja, levando em consideração os votos totais (e não os votos válidos) Bolsonaro teve 38% dos 147,3 milhões de eleitores aptos. Corrobora-se a esse número a variável idade utilizada na pesquisa, em que ela é feita com pessoas com mais de 16 anos e que, portanto, são votantes.

Nessa mesma linha de pensamento, Capellani (2021) afirma que os conflitos entre o presidente e a imprensa durante entrevistas evidenciam uma perspectiva antidemocrática do atual governo que não se insere dentro de uma perspectiva de enquadre do momento interativo, ou seja, “incapaz de lidar com situações de conflito e perguntas consideradas espinhosas, feitas por jornalistas

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2021/01/22/40percent-reprovam-governo-bolsonaro-e-31percent-aprovam-aponta-pesquisa-datafolha.ghtml> Acesso em 20 set. 2021.

⁹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2021/09/datafolha-avaliacao-de-bolsonaro-piora-e-reprovacao-de-53-e-novo-recorde-do-presidente.shtml> Acesso em 20 set. 2021.

de veículos de comunicação, mesmo que se saiba que cabe ao jornalista perguntar e ao entrevistado, responder” (CAPELLANI, 2021, p. 461).

Destarte, o presidente, em sua condição institucional de representante máximo de um Estado democrático, ao não responder adequadamente aos questionamentos, de outra instância de poder instituída constitucionalmente, a imprensa, incorre num abuso de poder por negar informação na condição de presidente. Na esteira de van Dijk (2018, p. 29), “o abuso de poder significa a violação de normas e valores fundamentais no interesse daqueles que têm o poder e contra o interesse dos outros”. Interesse esse dos brasileiros em saber as decisões de seu representante que podem afetar a vida de milhares de pessoas.

Portanto, a imprensa atua de forma a demonstrar a incapacidade do presidente em dialogar em momentos de crise ou até mesmo quando, por obrigação do cargo, deveria responder. O enquadre (a entrevista), conforme Goffman (2011[1967]), a que estão submetidos o presidente e os jornalistas, não se dissolve - apesar das quebras de face que ocorrem a partir da quebra da estrutura de expectativa que existe - causando, assim, um desalinhamento, sem desfazer a modulação. Não obstante, o enquadre não é realizado prototipicamente, uma vez que o silêncio e o abandono não fazem parte desse “script” ou desse “esquema”. Por sua vez algo é dito independentemente do silêncio ou não de uma das partes, seguindo ou não as regras (GOFFMAN, 2011[1967]). Nesse caso, o abandono foi feito pelo presidente com o objetivo de deslegitimar o outro participante na interação, quebrando assim a face positiva da imprensa.

Esse jogo de polarização inviabiliza o diálogo democrático aprofundando a distância entre “nós” (o governo e seu seguidores) e “eles” (a imprensa) impedindo a construção de uma mediação e a convivência respeitosa (MESSENERG, 2019). Essa oposição radical e que impede a progressão ordeira do diálogo é considerada por van Dijk (2005) uma estratégia de dominação. Bolsonaro sabe do papel mediador da imprensa e de seu alcance, dessa forma cria a lógica do inimigo, isto é, “enfraquece a democracia até esvaziá-la de sentido e impõe a lógica do confronto de “nós” contra “eles”. Construir a sociedade sobre a lógica da inimizade bloqueia a convivência social, destrói os tecidos coletivos” (GALLEGO, 2021, p. 96). É contra essa ação antidemocrática que a imprensa atua de forma a legitimar-se no texto notícia estudado.

Isso posto, a polarização a partir da construção da autoapresentação positiva e a outroapresentação negativa, enfatiza aspectos negativos no Presidente e por outro lado, reafirma o trabalho da imprensa como intermediadora do público e que fala a “verdade”. E não basta dizer que Bolsonaro “abandonou a entrevista e atacou a imprensa” é preciso situar o leitor no modelo de contexto preferencial em que a notícia quer indicar essa leitura. Esses ataques são “rotina” e, no caso

específico, feitos após “pergunta incômoda”. Trazer esse contexto é indicar/obrigar o leitor a inserir esse modelo de contexto preferencial na interpretação do texto.

Outro trecho que preferencia a forma com o indicativo da maneira como a notícia deve ser interpretada é o último parágrafo da notícia: “O hábito foi mais frequente a partir do segundo semestre do ano passado, com a repercussão de crimes e escândalos no governo”. Indicar ao leitor, no texto, as circunstâncias pelas quais determinada ação foi feita é justificar por que a fala do presidente é agressiva, nesse caso, por causa das denúncias contra seu governo. Importante ressaltar como o PFSP vai construindo sua face positiva desenvolvendo seu contradiscurso, a partir de uma referenciação negativa do presidente, pressupondo que atos impolidos praticados por ele são ordinários, indicando, no caso do trecho acima, com o uso do substantivo “hábito”. E, como analisado anteriormente, com a palavra “rotina”.

Fowler (1991, *apud* van Dijk, 2005, p. 29) afirma que as notícias não são um reflexo da realidade, mas um produto modelado por forças políticas, econômicas e culturais. Portanto a razão de ser desses contra-ataques do PFSP é mostrar quem Bolsonaro realmente é: agressivo, que foge de questões polêmicas e vê a imprensa como inimiga do Estado. Dessa forma, o PFSP demonstra seu poder de oposição ao presidente no texto notícia.

Texto 02¹⁰

'A vontade é encher tua boca com porrada', diz Bolsonaro após repórter perguntar sobre Queiroz

Presidente reagiu após ser questionado sobre depósitos feitos por ex-PM na conta da primeira-dama

¹⁰ <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/08/a-vontade-e-encher-tua-boca-com-porrada-diz-bolsonaro-apos-reporter-perguntar-sobre-queiroz.shtml>. Acesso em: 2 out. 2021.

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (sem partido) afirmou neste domingo (23) ter vontade de agredir um repórter do jornal O Globo após ser questionado sobre os depósitos feitos pelo ex-policial militar Fabrício Queiroz na conta da primeira-dama Michelle Bolsonaro.

Durante uma visita de cinco minutos a ambulantes da Catedral de Brasília, o jornalista questionou o presidente sobre os motivos para o ex-assessor do seu filho Flávio Bolsonaro (Republicanos-RJ) e sua mulher terem repassado R\$ 89 mil para a conta de Michelle.

Inicialmente, o presidente rebateu perguntando sobre os supostos repasses mensais feitos pelo doloiro Dario Messer à família Marinho, proprietária da Rede Globo.

Segundo a revista Veja, em depoimento no dia 24 de junho, Messer disse que realizou repasses de dólares em espécie aos Marinhos em várias ocasiões a partir dos anos 1990. A família nega qualquer irregularidade.

Após a insistência do repórter sobre os pagamentos à primeira-dama, Bolsonaro, sem olhar diretamente para o repórter, afirmou: "A vontade é encher tua boca com uma porrada, tá?".

A **Folha** presenciou o episódio. A imprensa questionou o presidente sobre a fala, mas Bolsonaro não respondeu.

Ao contrário do texto 1, que relatou de forma indireta a fala de Bolsonaro dirigida a um repórter do jornal O Globo, o texto 02, publicado um dia antes, 23 de agosto de 2020, e logo após a tentativa de entrevista com o presidente, aborda em seu macrotópico a fala em ordem direta de Bolsonaro. Ao utilizar a fala direta como primeira proposição da manchete, evidencia-se mais uma vez a quebra da face positiva de Bolsonaro porque expõe sua fala sem nenhuma estratégia de polidez para mitigar o FTA. Incluir a fala direta é um indicativo do contrapoder exercido pela imprensa, a partir do ataque do presidente e de o mesmo ter sido impolido atacando diretamente o repórter e, em outro nível, atentando contra o direito do cidadão ao acesso à informação. Assim, “o sistema midiático demonstra capacidade de fixar sentidos e ideologias, selecionando os conteúdos que, a seu critério, devem ser vistos, lidos e ouvidos pelo conjunto do público” (MORAES, 2016, p. 112), sendo assim, exerce “uma espécie de contrapoder, um contrapeso aos poderes legítimos na democracia” (RAMONET, 2019, p. 65).

Como sabemos, o princípio da cooperação com base em Goffman (2011[1967]), incide sobre a expectativa de manter a comunicação num nível ordeiro e respeitoso, ou seja, para que ela seja mantida é necessária também a utilização dos princípios da polidez abordados em Brown e Levinson (1987), o que não ocorre na estrutura discursiva analisada. Não há, levando em consideração as macroproposições do texto, a preocupação dos participantes da interação em cuidar, em um primeiro momento, de suas faces. Assim, ao agir diretamente sem a preocupação de preservar sua face, o presidente ataca. Ataque esse que ganha a topicalização no texto, levando o leitor a considerar que essa é a informação mais importante. Nesse caso, “o FTA é realizado de uma forma direta, clara, sem ambiguidade e concisa, em circunstâncias em que a preocupação com face não é irrelevante ou minimizada.” Culpeper (2016 *apud* CUNHA; OLIVEIRA, 2020).

Sendo assim, a escolha da forma direta implica uma afirmação livre pelas aspas de interferência do jornalista na construção textual, em outras palavras, fica subentendido que foi nessa ordem de acontecimento dos fatos como foco principal o proferimento do sintagma agressivo do presidente. Num nível global do texto podemos trazer as seguintes macroproposições. (i) presidente Bolsonaro ameaça agredir repórter; (ii) presidente reagiu depois da pergunta sobre depósitos de 89 mil de seu ex-assessor na conta da primeira-dama; (iii) presidente atacou o jornal do repórter (O Globo, e não a Folha) acusando-o de comprar dólares de forma irregular, antes de ameaçá-lo diretamente após novos questionamentos. Essas macroproposições sumarizam o texto e em todas há uma proteção da face da imprensa, numa tentativa de construir, reforçar ou modificar um modelo mental do leitor (VAN DIJK, 2005).

Paralelamente à narrativa, contada a partir da agressão a outro jornalista, ou seja, do jornal O Globo, a reportagem da “Folha” endossa o fato na ponta do iceberg discursivo “A Folha presenciou o episódio”. Portanto, a noção de credibilidade, de recuperação da face positiva da imprensa como um todo é elevada ao grau máximo. Importante ressaltar que, apesar de assinada pelos jornalistas, os profissionais “perdem” o status de produtores individuais para dar uma voz à face de uma instância de poder maior, a empresa em que trabalham, ou seja, o poder institucional.

Dessa forma, emerge no texto a relação entre imprensa e público, dando valor credível aos fatos narrados. Esse poder de interlocutor do jornal (entre o público e o governo) é o que mais contribui, a nosso ver, para a impolidez utilizada pelo presidente. Nessa esteira, segundo van Dijk (2005, p. 63) “a maior parte do nosso conhecimento social e político e das nossas crenças sobre o mundo deriva das dúzias de relatos noticiosos que lemos ou ouvimos”. Assim, o contrapoder exercido pela Folha na notícia é um alerta contra o presidente e não apenas um relato dos fatos.

Habermas (1993 [1962] *apud* AMOSSY, 2017, p. 27) traz à luz a “noção de espaço ou esfera pública” que aborda um modelo de discussão racional que busca um acordo por meio de uma livre interação verbal para a formação da opinião pública e, para essa constituição, a mídia tem um papel distintivo. Nas palavras de Amossy (2017, p. 27), em relação a essa interação “o essencial é que o espaço público é o da deliberação fundada da busca racional de um acordo concernente aos assuntos da cidade para o bem público. [...] uma instância crítica que assegura uma mediação entre a sociedade e o Estado para garantir o bom funcionamento da democracia”. O que, de pronto, não ocorre, em nosso estudo, com essas duas instâncias de poder simbólico, o presidente e a mídia. Ao contrário do que afirma a autora, a “expressão discursiva do conflito” não cria uma união social na polarização, porque um dos integrantes da interação não “trata do mesmo referente” e não concorda com o fato que determinado assunto colocado em pauta seja discutido, no caso, o depósito feito na conta da primeira-dama.

Por fim, o último parágrafo do trecho da notícia analisado traz uma elaboração de proteção de face da própria imprensa. Antes de dizer que Bolsonaro não respondeu, ela afirma que ele foi questionado, trabalhando assim a face positiva da mídia: Ela tentou fazer sua parte, porém, não teve contrapartida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Gramsci (2004 *apud* MORAES, 2016) insere a imprensa no centro do consenso que fundamenta o poder na sociedade capitalista. Van Dijk (2005) diz que a imprensa é capaz de controlar o acesso do discurso da elite, assim as elites dependem da mídia para exercer seu poder. Percebe-se a partir dessas duas afirmações que o poder ou contrapoder da imprensa nas sociedades pode influenciar diretamente a opinião pública. Esta, por sua vez, é fundamental para a aprovação ou desaprovação de líderes políticos, entre outras características. Assim, o acesso preferencial à imprensa e o que é divulgado por ela evidenciam o conceito de poder social simbólico e persuasivo que pode controlar as mentes dos leitores ou telespectadores (VAN DIJK, 2005).

Portanto, é a manutenção desse “poder” que está em jogo nas estruturas linguísticas e estratégias discursivas utilizadas pela imprensa na construção da notícia. A partir dos trechos das reportagens analisados, percebemos que a figura institucional do presidente não utiliza, na maior parte das vezes, estratégias de polidez para preservar sua face, quando confrontado por jornalistas. Tal atitude, a nosso ver, faz parte de uma provável estratégia de intercâmbios agressivos e impolidez utilizados pelo presidente, que por sua vez, fazem parte de uma macroestratégia especial: falar diretamente aos seus apoiadores e alimentar cada vez mais o bolsonarismo. Dessa forma, os ataques, as agressões e as impolidezes são a face positiva de Bolsonaro, que numa luta épica contra a imprensa quer demonstrar também seu poder institucional, porém enfrenta do outro lado, outro poder que tem a enunciação final. Em outras palavras, a imprensa produz seu texto jornalístico, a partir da interação com o presidente. Dessa forma, como produtora em última instância, tem como “controlar” todas as faces, tanto as dela quanto as de qualquer outro envolvido.

Neste artigo fica evidente a autodefesa da mídia aos ataques do presidente. A face positiva e negativa de Bolsonaro é quebrada a cada agressão feita por ele a um jornalista ou à imprensa como instituição. É importante ressaltar que, mesmo permeado por análises ideológicas, o propósito deste artigo é mostrar como as estruturas textuais são construídas pela imprensa, a partir de uma agressão verbal direta ou indireta feita pelo presidente. Por óbvio, várias peculiaridades ficaram de fora e muito há ainda o que ser dito. O silêncio, no caso de Bolsonaro, não pode ser ensurdecido.

REFERÊNCIAS

- AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Coleção dirigida por Michel Meyer. Coordenação de trad. Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. *Politeness: some universals in language usage*. Cambridge: Cambridge University, 1987.
- BUCCI, E. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das letras, 2000.
- CAPELLANI, D. Z. Recusa de interação e atos de ameaça à face: presidente Jair Bolsonaro versus jornalistas. *Fólio - Revista de Letras, [S. l.]*, v. 13, n. 1, 2021. DOI: 10.22481/folio.v13i1.8253. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/folio/article/view/8253>. Acesso em: 06 out. 2021.
- CUNHA, G. X.; OLIVEIRA, A. L. A. M. Teorias de im/polidez linguística: revisitando o estado da arte para uma contribuição teórica sobre o tema (Theories of linguistic im/politeness: revisiting the state of the art for a theoretical contribution on the topic). *Estudos da Língua(gem), [S. l.]*, v. 18, n. 2, p. 135-162, 2020. DOI: 10.22481/el.v18i2.6409. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/estudosdalinguagem/article/view/6409>. Acesso em: 12 out. 2021.
- FREIXO, A.; PINHEIRO-MACHADO, R. Introdução: Dias de um futuro (quase esquecido): um país em transe, a democracia em colapso. In: FREIXO, A.; PINHEIRO-MACHADO, R. (org.). *Brasil em Transe: Bolsonaroismo, Nova Direita e Desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. p. 9-24.
- GALLEGO, E. S. Quem é o inimigo? Retóricas de inimizade nas redes sociais no período de 2014-2017. In: FREIXO, A.; PINHEIRO-MACHADO, R. (org.) *Brasil em Transe: Bolsonaroismo, Nova Direita e Desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, p. 83-98, 2019.
- GOFFMAN, E. *Ritual de interação: ensaios sobre o comportamento face a face*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, 1980.
- LIMA, H. Emoções e representações de si: a propósito da indignação e do embaraço. In: CUNHA, Gustavo Ximenes; ADORNO, Ana Larissa (org.). *Múltiplas perspectivas do trabalho de face nos estudos da linguagem*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2018. p. 93-107.
- MORAES, D. *Crítica da mídia & hegemonia cultural*. Rio de Janeiro: Mauad, 2016.
- MESSEMBERG, D. A cosmovisão da “nova” direita brasileira. In: FREIXO, A.; PINHEIRO-MACHADO, R. (org.) *Brasil em Transe: Bolsonaroismo, Nova Direita e Desdemocratização*. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2019. p. 25-49.
- RAMONET, I. Meios de comunicação: um poder a serviço de interesses privados?. In: SERRANO, P.; RAMONET, I.; MORAES, D. *Mídia, poder e contrapoder*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2019. p. 53-82.
- TOMAZI, M. M.; NATALE, R. A violência de gênero e polarização discursiva. In: OLIVEIRA, A. L. A. M. CUNHA, G. X. *Múltiplas perspectivas do trabalho e face nos estudos da linguagem*. Belo Horizonte: Núcleo de análise do discurso, programa de pós-graduação em estudos linguísticos, faculdade de letras UFMG, 2018. p. 129-146.
- VAN DIJK, T. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2018.

VAN DIJK, T. *Discurso e contexto*. São Paulo: Contexto, 2016.

VAN DIJK, T. *Discurso, notícia e ideologia*. Minho: Campo das Letras, 2005.

VAN DIJK, T. *Ideology and discourse: a multidisciplinary introduction*. Barcelona: Ariel, 2003.

VAN DIJK, T. *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 1992.